

**BRAZILIAN TIMES**  
 THE BEST JOURNAL FOR YOU  
 Founded in August / 1988  
 The most circulated Brazilian Newspaper in the USA  
 Fone: (617) 625-5559  
 www.braziliantimes.com  
 E-mail: (Informação/Information) btimes@braziliantimes.com  
 (redação/newsroom) news@braziliantimes.com  
 (anúncio/marketing) ad@braziliantimes.com

**EDIRSON PAIVA**  
 Publisher

**STAFF NEWS**

**EDIRSON PAIVA JR.**  
 Editor

**LUCIANO SODRÉ**  
 Assistant Editor

**WOLEGANG TOMICH**  
 Feature Editor

**REPORTER**  
 Marcelo Zicker - General News  
 Cláudia Carmo - General News  
 Gilvan Sergipe - General News

**REGIONAL OFFICES**  
**Somerville/MA**  
 Cristina Paiva  
 Regional Managing Editor  
 Phone: (617) 666-0864

**Bridgeport/CT**  
 Mara Palmieri  
 Regional Managing Editor  
 Phone: (203) 650-2160

**New York/NY**  
 Marietela Monticeli (917) 572-6610  
 Regional Managing Editor  
 marietela@braziliantimes.com

**Maria Casotti - Jornalismo**  
 Editora de fotografia  
 email: mcasotti@braziliantimes.com

**Newark/NJ**  
 Cláudia Cascardo - (973) 755-2432  
 email: cascardo2007@hotmail.com  
 Regional Managing Editor

**Miami/FL**  
 Phydias Barbosa  
 Regional Managing Editor  
 Phone: (954) 531-7541

**Contributing Writers**  
 Dr. Joel Stewart (Florida)  
 Dr. Lair Ribeiro (Brazil)  
 Dr. Regina Kosta (Brazil)  
 Maurício Mendes (Massachusetts)  
 Terezinha Tarcitand (Brazil)  
 Gerlane L. F. Cardoso (EUA)

**Marketing Department**  
 Liliane Paiva - Director  
 Phone: (617) 666-0864  
 Adairton Teixeira  
 Phone: (781) 552-1990  
 Maria Betania Costa  
 Phone: (617) 767-6768  
 Marisa Medici  
 Phone: (781) 771-1729

**Graphic Designers**  
 Marcelo Teles e Vanessa Rodrigues

**Circulation Director -**  
 Cristiano Paiva

**MAILING ADDRESS**  
 P.O. Box 447 - Somerville (MA) 02143  
**MAIN OFFICE** 311 Broadway, 2<sup>nd</sup> Fl.  
 Somerville, MA - 02145  
 Fax: (617) 625-9950

Os artigos assinados e/ou colunas e cartas, são de responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião deste jornal. O Brazilian Times não é responsável pelo conteúdo dos mesmos.

Signed articles, columns and letters do not necessarily reflect the views of the newspaper or its publishers. The Brazilian Times accepts no responsibility for their content.

**Vamos agir... é chegada a nossa hora!**

As leis anti-imigrantes que surgiram nos últimos dias e o marasmo do Governo Obama em não agilizar a reforma nas leis de imigração são os principais motivos da descrença e desânimo dos imigrantes que vivem nos Estados Unidos, principalmente os brasileiros. Já se passaram nove anos depois da última lei que beneficiou esta comunidade e neste período, a ansiedade tem sido a maior companhia de todos.

O que mais martela na cabeça dos imigrantes é que Obama ganhou as eleições tendo como uma de suas bases, a promessa de que apresentaria um caminho para a legalização dos milhões de imigrantes. Mas até agora nada foi feito e para complicar, o maior defensor das comunidades imigrante morreu - o senador Ted Kennedy.

Como se não bastasse, uma intensa crise econômica se alojou no país, virando os olhos das autoridades para este problema. Logo a imigração ficou em segundo plano novamente. As esperanças pareciam ficar mais distantes e a luz no fim do túnel, cada vez mais fraca.

Mesmo diante das dificuldades e da quase certeza de que nada será feito, a esperança ainda não morreu. Mas a própria comunidade pode fazer algo, descruzar os braços e agir, afinal somos mais de 13 milhões de vozes, as quais unidas podem ser ouvidas a distância. Tenho certeza de que muitos dos quem estão lendo este texto é ou conhece alguém que entrou neste país pelo México e atualmente está casada com um cidadão norte-americano ou trabalha para alguém que quer lhe ajudar. De nada adianta pedir ajuda a advogados, pois a resposta será sempre a mesma - "não podemos fazer nada, pois a lei está empacada".

Mas pode confiar que este é o melhor momento para agir. Chega de confiar em entidades e organizações que passaram a vida inteira prometendo agir em seu favor, sendo que na verdade

demonstram querer apenas o bem próprio. Posso até chocar e magoar alguns amigos, mas a grande maioria destas agremiações só me demonstra interesses em ver as pessoas participando de passeatas e marchas, levantando faixas com nomes das organizações. Fico chateado também com os imigrantes que conseguiram se legalizar e transformaram-se em outra pessoa. Já presenciei casos de pessoas que viveram muito tempo em situação ilegal e que hoje, de posse do "Green Card" se acham o "deus todo poderoso que podem humilhar quem está indocumentado".

Pense bem, vocês já passaram por isso e precisaram de quem estava legal para arrumar sua situação. Não seja covarde e hipócrita, virando as costas para seus compatriotas, em um momento que eles mais precisam de vocês.

Acho que chegou o tempo de cada imigrante agir por conta própria, sem depender de terceiros para falar por vocês. Então amigo imigrante indocumentado, procure seus amigos que estão legais no país ou até mesmo um amigo cidadão norte-americano. Mostre sua vontade de ficar legal para produzir mais e ajudar na construção do país.

Vamos levantar uma campanha e fazer com que quem esteja legalizado ou até mesmo os padrões de imigrantes falem pelos indocumentados. Vamos analisar: existem mais de 13 milhões de imigrantes vivendo ilegalmente nos Estados Unidos, logo existem milhões de empregadores e isso pode ser computado em milhões de vozes falando a favor da classe. Com certeza se um empresário ligar para um deputado não surtirá tanto efeito, mas se os milhões de empregadores e outros tantos de pessoas legalizadas ligarem para eles, o resultado será diferente, pois estará em jogo não apenas a reforma imigratória, mas os votos que ele pode perder se não ajudar.

Luciano Sodré  
 Jornalista

Participe desta seção: envie suas sugestões, críticas, opiniões e comentários para op@braziliantimes.com

**Os números não querem calar!  
 E agora, para onde corremos?**

Por meio de levantamento de instituições governamentais e não governamentais, verifica-se que, em 2010, 51,7 milhões de brasileiros residem em favelas e submoradias que carecem de rede de esgoto, enquanto que, no Brasil, as projeções mais eufóricas apontam que nossa taxa de crescimento será 50% desta, algo em torno de 5%, percentual que não deixa de ser surpreendente, já que, nos últimos 20 anos, o Brasil foi um dos países que menos cresceu no mundo.

O Governo Brasileiro, por meio do Ministério do Trabalho e do Ministério da Ação Social, aponta que 12,8 milhões de brasileiros recebem a Bolsa Família no valor que varia de R\$ 15 a R\$ 95 mensais. Portanto, este valor, que corresponde a um terço do salário mínimo, constitui a maior fonte de renda dessa imensa população. A informação é preocupante, porque o número de microempresas registradas no Brasil é menor que 11 milhões (IBGE). Ou seja, as pessoas com baixa renda e os microempresários somam quase 25 milhões de brasileiros, possuindo uma renda próxima a 200 dólares mensais.

Isso ocorre porque, nos últimos 30 anos, o Brasil apresentou taxas de crescimento econômico entre 2,5% e 4,3% ao ano, média igual a 3%, o que representa 50% da média do crescimento econômico mundial apurado no mesmo período. A Argentina, nos últimos 10 anos, cresceu por volta de 7% ao ano; a Rússia acima disso; a China mais de 10%; e os Estados Unidos, com o maior PIB do mundo, acima de 3% a.a.

A economia norte-americana é tão maior quando comparada ao resto do mundo: somente o Estado da Califórnia, um dos 51 estados dos EUA, possui PIB de 1,8 trilhões de dólares, superando tudo que é produzido no Brasil durante um ano. Os gastos militares e de defesa dos EUA, a cada quatro dias, superam os discutidos 10 bilhões de dólares que o Brasil custa a gastar para renovar sua esquadilha de caças.

Aliás, mesmo após realizarmos a esperada compra dos 36 aviões militares, se fossem reunidos todos os caças da Força Aérea Brasileira, estes caberiam em um único porta-aviões da numerosa frota americana. Enquanto isso, o setor varejista brasileiro informa que, após a queda da redução de IPI, as vendas de eletrodomésticos, móveis e veículos caíram acentuadamente. Mesmo assim, de forma muito estranha, importantes lideranças mundiais têm tolerado e contribuído na afirmação de que o Brasil é um exemplo para a economia mundial. Inclusive, estes líderes não têm criticado analistas que comparam os níveis de crescimento brasileiro com os da China, ou

mesmo dos EUA. O Banco Mundial estima que a taxa de crescimento do PIB da China, mesmo após a crise mundial, será de 9,5% em 2010, enquanto que, no Brasil, as projeções mais eufóricas apontam que nossa taxa de crescimento será 50% desta, algo em torno de 5%, percentual que não deixa de ser surpreendente, já que, nos últimos 20 anos, o Brasil foi um dos países que menos cresceu no mundo.

Estes números deveriam alertar os agentes, os políticos e as empresas que estão ligados ao mercado de ações e investimentos do Brasil. Afinal, pode estar havendo, por parte dos players internacionais, manipulação e manutenção de uma bolha no mercado brasileiro. É necessário vender-se um sentimento de estabilidade enquanto ainda estejam sendo acomodadas as questões da crise mundial relativas aos (1) déficits fiscais dos países da Zona do Euro, (2) a supervalorização do Iene e (3) o problema do mercado de derivativos e de equity funds irradiados a partir do setor imobiliário norte-americano.

O alardeado sucesso de nossa economia não se sustenta quando verificamos que não temos estradas, portos e depósitos com capacidade de estocar e escoar nossa produção agrícola. Não reunimos estrutura e investimentos que permitam aumentar a geração e a distribuição de energia se a taxa de crescimento for igual ou superior a 5% a.a., por dois ou três anos seguidos.

Portanto, a pergunta que os números nos fazem é: "Como presumir crescimento econômico sem que haja a correspondente e proporcional criação de empregos? Como tornar os operários brasileiros consumidores iguais aos da Zona do Euro, ou os canadenses, sem falar dos norte-americanos? Não é o fato dos brasileiros de baixa renda comprarem em 36 parcelas um refrigerador ou uma TV ou um fogão novo, normalmente importados da China, que nos tornará um país de economia forte, com taxas de juros compatíveis com aquelas verificadas nos Estados Unidos ou nos países da União Européia. Quando estes países necessitam incentivar crescimento econômico e redução de déficit, praticam juros baixos, mesmo já possuindo redes de esgotos, segurança e saúde, além de ruas e estradas trafegáveis. Isso nunca aconteceu no Brasil.

Prof. Edison Freitas de Siqueira  
 Presidente do Instituto de Estudos dos Direitos do Contribuinte  
 edison@editionsiqueira.com.br

São vários clientes satisfeitos. Só falta você

Computação Gráfica Design

Cartão de visita, Calendário, Cartão, Folder/Três, Postal, Banner, Adesivo, Mapinhas, Livro de Oração

508 815 7134

www.computaograficadesign.com